

## GEORGE POPESCU

### Tradução e notas de Marco Lucchesi (UFRJ)

#### Núpcias de Cadmo e Harmonia

Parte essencial da história da literatura repousa na poética do encontro. Tramada pelos anjos, que movem as letras do livro do mundo, os anjos da cabala, tão abissais em seus mistérios.

Não tenho como provar o que digo. Mas sei que existe uma verdade imponderável.

Abismo de palavras em branca superfície. Espaço apontado por Lucian Blaga como sendo a imagem de um saber que cria camadas mais profundas de menos-saber (*minuscunoaștere*).

Tive um desses encontros que me levaram ao impacto da língua romena. George Popescu foi o meu Virgílio. Poeta de águas claras. Metade anjo. Metade abismo.

A Romênia era e continua sendo para mim uma transcendência no campo da latinidade. E ela saltava dos olhos de George. Olhos difíceis de alcançar, os seus, como que atravessados por uma espessa neblina, mensageiros de verdades esquecidas, como os espelhos de Jean Cocteau.

George é um poeta habitado pelo futuro. Futuro mais longo que o passado. Tal como o destino da literatura romena. Cidade de Craiova. Estrada Brestei, 59.

Conversas infundáveis no calor da biblioteca. Uma floresta de poetas e palavras. Densas madrugadas. Cigarros. E charutos. Para espantar os vapores frios da noite. George me deu uma língua e uma constelação no céu de minhas buscas.

Essa língua, tão cheia de claro-escuros. E cujo léxico impressiona.

Ouçõ a polifonia de dácios, getas, gregos e romanos. A fronteira da latinidade, tão viva e porosa, com seu acervo de palavras turcas e francesas. O mundo eslavo, formando um continuum admirável com o latino, apressa as núpcias de Cadmo e Harmonia.

Anoto três formas de dizer *pôr-do-sol* e seus possíveis devaneios:

*Asfintit.* Como que o Sol tocasse em pleno ocaso o Mar Negro e liberasse um vapor imenso, através do *fe* do , tornado agudo pelos dois *i*.

*Amurg.* Sinto como que uma grande desolação: a consoante final tão abrupta e esse *u* tão escuro. Um resto de luz se perde à medida que avanço palavra adentro.

*Apus.* A sensação de um anoitecer precipitado, que começa no *u* e se prolonga nas horas mortas do *s*, que pronuncio como se fosse uma semibreve.

Seja como for, nosso diálogo noturno, eminentemente noturno, irava em torno do labirinto da palavra e do fio de ouro da etimologia: Lauras, Verônicas, Ariadnes. Mas era a elena de Pierre Jean Jouve aquela que parecia melhor atender à síntese do feminino e seus arcanos.

Por que nossas latinidades iam tão esquecidas, diante de tantas convergências?

O romeno e o português são as flores últimas do Lácio. Extremos que coincidem (como vertentes marginais) em relação a um possível centro de latinidade. E todavia essas flores parecem de todo solitárias.

Talvez a solução estivesse nas mãos dos poetas, em seu imaginário inquieto e gentil.

Um passaporte para toda a latinidade.

Assim, passavam pela biblioteca – como os reis-fantasmas diante de um Macbeth siderado – os maiores poetas da Romênia. Macedonski e sua melodia, tão alta como as torres-agulha de Istambul, além daquelas coloridas

e aceboladas de Moscou. O verbo iridescente de Ion Barbu, criador inigualável, e a liberdade, brilhando a cada estrofe. As remissões de Arhgezi, com seu modo firme, delicado, irregular. Bacovia e sua tremenda melancolia, preso aos brancos e aos cinzas. A impertinência de Geo Bogza com o seu belo circo semântico. Gherassim Luca e o golpe de estado no seio da linguagem. Além da luminosa poesia de Blaga, a partir do cemitério romano, das aldeias e do espaço miorítico.

Este foi o começo de uma amizade profunda e a descoberta de uma poesia atormentada e bela, que habita o coração da baixa modernidade. Da obra extensa e variada de George Popescu, apresentamos esta breve antologia, toda ela constituída de poemas inéditos em português.

Itacoatiara, dezembro de 2008.

### MARGINEA SE REVOLTĂ

nu eu sunt alesul  
și  
nu tu ești cel așteptat

aici  
în acolada în care  
cad duminica  
îngerii fragezi  
cu aripi de maci  
tremură limfa  
se ascute  
marginea  
se revoltă molia  
infinitei cânepe cerești

jocul de-a căutatul de-ne-găsit  
un relief accidentat

## A MARGEM SE REBELA

eu não sou o escolhido  
e  
tu não és o esperado

aqui  
neste parênteses onde  
caem no domingo  
anjos delicados  
com asas de papoulas  
treme a linfa  
aguça-se  
a margem  
rebelá-se a traça  
do interminável cânhamo celeste  
o jogo de buscar não encontrável  
relevo acidentado

NUMAI FOAMEA ÎNFLOREȘTE

Locuiesc singur  
purgatoriul famelic  
încă setos și încă trădat:

cu brațele mele am ucis  
trandafirul bolnav de speranțe

iluzia nu mă privește  
speranța are picioare scurte  
numai foamea înflorește  
în ochii copilului abandonat

cu giacomino cerșesc fragilitatea  
acestei luni hazlii  
gemând de caisele  
unei copilării de prisos

SOMENTE A FOME FLORESCE

habito solitário  
o purgatório famélico  
inda com sede e traído

matei com meus braços  
a rosa doente de esperanças

a ilusão não me concerne  
a esperança tem pequenos pés  
somente a fome floresce  
nos olhos do menino abandonado

com giacomino mendigo a fragilidade  
dessa lua burlesca  
gemendo por causa dos pêsegos  
de uma infância inútil

ADORMIREA SEMNULUI

iarba se ridică  
din nisipul spaimei  
și fuge prin ghimpii  
unei inocențe fără hotar  
apuc râul de pletoasele-i sălcii  
și-l mut mai aproape  
de numele tău  
către destinul unei pietre uitate  
numele meu pleacă  
fluietând prin trestirișul  
acestei atopice favele a  
lui marco:

semnul adoarme  
sub secara ochilor tăi  
de copil  
abandonat de îngerul spaimei

## O ADORMECER DO SINAL

ergue-se a relva  
do areal do medo  
e foge por entre espinhos  
de uma inocência que não tem fim

apanho o rio pela crina dos salgueiros  
e o levo às cercanias  
de teu nome  
para um destino de pedra esquecida

meu nome segue  
assoviando pelo canavial  
desta atópica favela  
de marco:

o sinal vai dormir  
sob o centeio de teus olhos  
de menino  
abandonado pelo anjo assustador

ARDEREA DE UNGHII

pe frunzele înghețate ale serii  
nu se mai găseau decât brațe învinse

melci sterpi și coji de îngeri  
în cenușa ierbii dușmane

o stea pustia în ochii  
de tablă ai străinului

secera verii bolnave  
stîngea remediul  
unui prunc sfânt  
în tăișul albastru  
memoria îngâna rugina amintirii  
eram mort și nu știam  
piatra de pe frunte scria  
pe cerul vecin  
o hieroglifă de adio

## UNHAS EM CHAMAS

nas folhas geladas da noite  
já não se encontram mais que braços vencidos

estéreis caracóis e cascas de anjos  
nas cinzas de inimiga relva

uma estrela solitária nos olhos  
de lata do estrangeiro

a foice de um verão enfermo  
pôs fim ao remédio  
de um sagrado feto  
no corte azul  
a memória murmurava a ferrugem da lembrança  
eu estava morto sem saber  
a pedra junto à frente ditava  
no céu próximo  
um hieróglifo de adeus

SĂRBĂTOAREA DEZASTRULUI

ca și cum gura ta  
nu mi-ar cunoaște pasul

moare ora promisă  
în dinții unui mut

vinul așteaptă gura peleginului  
însetat de boală

iarba renaște în sicriul gol  
staulul huruie

o carte amuțește în mâinile  
dansatoarei uitate  
pe un câmp între  
anii știrbi ai unei tinereți netimbrate

hoțul de ieri  
vinde zile furate  
unui calendar însângerat

ceea ce vezi e  
doar sărbătoarea dezastrului

## A FESTA DO DESASTRE

como se tua boca  
não soubesse meus passos

a hora prometida morre  
nos dentes de um mudo

o vinho aguarda a boca do peregrino  
sequioso de doença

a relva renasce no féretro vazio  
o presépio ressoa

um livro emudece nas mãos  
da dançarina sem memória  
num campo de  
tempos sem dentes de uma juventude a que faltaram selos

o ladrão da véspera  
vende os dias roubados  
de um calendário em sangue

o que vês é  
apenas a festa do desastre

INSIDIOSUL PACT CU IARBA DUMINICALĂ

e mult fum în micul bar

prin vitrină îngerii noi  
mimează eternitatea  
prin cartoane în care zumzăie  
efemerul în reclame arse de ger

la măsuța din colț  
o rochie tânără îmbracă tăcerea  
adolescentei moarte de ieri

dinspre suburbii veselia  
săracilor salută pomana degeaba

cineva poartă spre gura  
fragilei libertăți  
paharul greu al spaimii

surâsul tău înflorește  
lângă petala ratată  
a trădării smulse  
unui pact dureros  
cu iarba duminicală

asediind gelatina ce ne inundă

## O PACTO INSIDIOSO COM A RELVA DOMINICAL

muita fumaça no pequeno bar

na vitrine novos anjos  
imitam a eternidade  
nos cartazes por onde zune  
o efêmero em propagandas queimadas de gelo

na mesinha do canto  
um jovem paletó veste o silêncio  
da adolescente que ontem morreu

dos subúrbios a alegria  
dos pobres saúda o gesto que faltou

alguém leva à boca  
da frágil liberdade  
o pesado copo do medo

teu sorriso floresce  
junto à pétala caída  
da traição separada  
por um sofrido pacto  
com a relva de domingo

no cerco da gelatina que nos cobre



## A FELICIDADE DEPOIS DA MORTE

um café sem lágrimas quase  
impossível de beber –  
no pobre bar de Assis:

a mulher da mesa ao lado  
(toda de azul: vestida de céu  
que  
pelo olho sórdido da janela  
me acena)  
me diz

*não vivi muito – e tremes*  
no caco de uma lembrança não convocada –  
*mas a felicidade nunca me faltou*

ouço de meu lugar clandestino  
como o Brasil manda para as margens  
tão prolongadas faixas de suspiros  
que o destino esmagou

*ah, não morri se tal supuseste*  
*mas*  
*agora*  
*vivo*  
*a felicidade depois da morte*

diz  
e não sei por que  
naquele vestido de céu absoluto  
encontrei a fuligem  
de uma Veneza divorciada  
dos pombos aos quais sequer a eternidade  
prestou socorro

Venezia sterilă și aspră  
din visul cu tine

și cuțitul alb în carnea  
insomniei fără de leac

Veneza áspera e estéril  
que sonhei contigo

e o branco punhal na carne  
da insônia sem remédio

SEDUC SÂNGELE HOMERIC

*Les actions du poète ne sont que la consequence des énigmes de la poésie.* (René Char)

pe cassandra n-a luat-o nimeni de mână  
(la țărniță răsunau cântări de cheflii  
prea triști ca să privească luna)

maci negri fumegau în covata verii  
ce sta să vină: examen al frunzei  
în zăpada azură

pe dosul paginii se mai văd  
intraductibile plăgile poetului  
pensionat de zeii potrivnici

orbit de asfaltul care-mi seduce  
peticul de liniște prelins  
în estuarul unui vers trecut  
de ghilotina prezentului năprasnic  
seduc sângele homeric

de prin tavernele arse de spaimă

și cine-a mai stat pe pietrele arse  
ale poveștii ce-a înghițit  
mari hălci din profeția  
acelei moarte eterne?

în paharul străinului  
se otrăvește vinul în așteptare

ESTOU SEDUZINDO O SANGUE HOMÉRICO  
*Les actions du poète ne sont que la conséquence des énigmes de la  
poésie.* (René Char)

ninguém tomou Cassandra pelo braço  
(ecoavam junto à margem canções de bêbados  
mais tristes para ver a lua)

negras papoulas deitam fumo nos ninhos do verão  
que está para chegar: a prova das folhas  
junto à neve azul

no verso da página ainda se vêm  
as intraduzíveis chagas do poeta  
aposentado pelos férreos deuses

cego pelo asfalto que me seduz  
esboço de silêncio orvalhado  
no estuário de um verso que passou  
na guilhotina do presente em tempestade

estou seduzindo o sangue homérico  
numa taberna crestada de medo

quem mais passou nas pedras ardentes  
da fábula que engoliu  
grandes partes da profecia  
daquela eterna morta?

no copo do forasteiro  
o vinho se envenena na espera

